

Alexandre F. Morujão

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Vol. II

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

Alexandre F. Morujão

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Vol. II

INCM

Este 2.º volume dos *Estudos Filosóficos* de Alexandre Fradique Morujão reúne todos os textos do autor que não são expressamente dedicados ao estudo do pensamento do Edmund Husserl ou da fenomenologia. Dividido em cinco partes, correspondentes a outros tantos núcleos temáticos do trabalho do autor, este volume inclui ainda um apreciável número de textos até agora inéditos. Trata-se, ou de conferências nunca publicadas, ou de material destinado inicialmente à leccionação em cursos de licenciatura e de mestrado e que, pelo seu grau de acabamento, pareceram merecedores de divulgação perante um público mais alargado.

A. F. Morujão (1922) foi, durante quatro décadas, professor de Filosofia na Universidade de Coimbra, onde leccionou, entre outras, as disciplinas de Lógica, Filosofia Moderna e Filosofia Contemporânea. Aprofundou os seus estudos husserlianos com dois eminentes especialistas no pensamento do mestre de Freiburg, Walter Biemel e Ludwig Landgrebe, e investigou nos Arquivos Husserl de Colónia e Lovaina.

ISBN 972-27-1271-3



9 789722 171271

Estudos Gerais Série Universitária

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Título: Estudos Filosóficos
Vol. II

Autor: Alexandre F. Morujão

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2004

ISBN: 972-27-1271-3

Depósito legal: 185 742/02

Alexandre F. Morujão

ESTUDOS FILOSÓFICOS

Vol. II

Organização e prefácio de CARLOS MORUJÃO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2004

Nota prévia

Este 2.º volume dos Estudos Filosóficos de Alexandre Fradique Morujão contém a totalidade dos escritos do autor que não têm por objecto o estudo do pensamento de Edmund Husserl, ou a fenomenologia. Com a excepção de alguns inéditos, que indicaremos mais adiante, foram todos eles publicados sob diversas formas, ou objecto de comunicação ou conferências públicas. Tal como no 1.º volume, uma nota final dará conta, ao leitor interessado, da proveniência de todos estes textos.

O critério de organização de material tão diverso resume-se em poucas palavras. Numa primeira secção, colocámos todos os textos que constituem uma reflexão sobre a filosofia, sua natureza e objectivos, ou sobre a sua relação com outras áreas do saber. Na segunda secção, agrupámos um conjunto de reflexões sobre a universidade e o seu papel na formação do indivíduo, e na vida cultural e científica. Na terceira secção, reunimos todos os textos sobre temas de Filosofia Moderna, de Nicolau de Cusa a Kant; o critério de organização foi o da ordem cronológica dos temas abordados. Na quarta secção, englobámos um conjunto de estudos sobre a filosofia contemporânea. Na quinta secção, finalmente, todos os textos sobre filosofia portuguesa ou sobre a situação da filosofia em Portugal.

Como dissemos já no final do Prefácio ao 1.º volume, incluímos nesta edição um conjunto de textos inéditos que, pelo interesse do seu conteúdo e pelo grau de elaboração, nos pareceram merecedores de publicação. Obtivemos, para tal, o acordo do autor, embora, como demos também notícia no Prefácio ao 1.º volume, o seu precário estado de saúde não lhe permitisse, infelizmente, auxiliar o organizador destes Estudos

Filosóficos no trabalho de preparação para a edição. Actualizámos ou corrigimos, em todos os textos, a pontuação e a acentuação, bem como eventuais gralhas e um ou outro deslize de sintaxe, compreensíveis em material que não foi objecto de revisão, pelo autor, para efeitos de publicação.

Constituindo dois dos mencionados textos, que têm por objecto o pensamento de Kant, e conforme mais adiante explicamos, material de apoio à leccionação, seriam quase inevitáveis as repetições, os resumos da matéria já leccionada e outras marcas evidentes da sua proveniência, como o leitor não poderá deixar de notar. Respeitámos integralmente o estilo do autor. Permitimo-nos, unicamente, suprimir uma ou outra indicação esquemática, que muito provavelmente se destinaria a «suportar» desenvolvimentos orais, mas que faria pouco sentido num texto que se destina a ser lido. É certo que o especialista em estudos kantianos não encontrará nestes dois textos grandes novidades; nada de mais natural, tendo em atenção o público a que foram destinados inicialmente, a saber, alunos da licenciatura ou do mestrado em filosofia. Contudo, não foi apenas o rigor e a clareza na apresentação do pensamento do filósofo de Königsberg que motivaram a sua inclusão neste volume dos Estudos Filosóficos de A. F. Morujão. Pareceu ao organizador desta edição que alguns dos assuntos tratados têm merecido pouca atenção por parte da generalidade dos investigadores nacionais, e constituem matéria que muitos dos que se arrogam o direito a emitir opiniões sobre a filosofia de Kant, no nosso meio universitário, mas também fora dele, nem sempre dominam suficientemente. A título de exemplo, mencionaríamos a abordagem da difícil secção da 1.^a Crítica que tem por objecto o sistema dos Princípios do Entendimento Puro (a chamada «Analítica dos Princípios»), com a sua distinção entre princípios matemáticos e princípios dinâmicos, ou ainda — mas os exemplos poderiam multiplicar-se — a relação entre os juízos categóricos, hipotéticos e disjuntivos e o sistema das Ideias da Razão, na «Dialéctica Transcendental».

Uma última palavra sobre a decisão que tomámos em não incluir as diversas bibliografias incluídas pelo autor. Foram vários os motivos que nos levaram a não o fazer. Da sua consulta pareceu-nos poder concluir-se que o critério que presidiu à sua organização se baseou, quase exclusivamente, no carácter de iniciação das obras indicadas, destinadas, por conseguinte, a introduzir os alunos universitários no estudo dos autores ou temas em causa. (O outro critério, mais do que evidente para quem frequentou a biblioteca do autor, era elas lá se encontrarem. A. F. Morujão obedeceu a uma regra que nem todos os professores infelizmente respeitam: só sugerir a leitura daquilo que efectivamente se leu.) Obras clássicas,

mesmo que fundamentais, bem como investigações mais recentes que não se enquadrassem no primeiro dos referidos critérios, foram sistematicamente excluídas. Acresce ainda o facto de nenhuma discussão especial do respectivo conteúdo ser feita ao longo dos textos. Além disso, algumas obras mencionadas e, por vezes, objecto de transcrição e comentário — como exemplo, refira-se o Kantbuch de Martin Heidegger — não constam sequer da bibliografia final anexa aos textos sobre Kant.

Indicamos, de seguida, os textos mencionados, e fazemos uma breve descrição do estado em que os encontramos.

1) «Itinerário da lógica clássica à lógica moderna»

Texto de 9 páginas dactilografadas, numeradas de 1 a 9, corrigidas pelo próprio punho do autor e assinadas no final. A subdivisão em 4 secções, numeradas de 1 a 4, foi também acrescentada pelo autor posteriormente à dactilografia. (Este texto constituiu, na sua versão primitiva, uma comunicação apresentada no colóquio «Aprender-Ensinar Filosofia», realizado em Setembro de 1982 na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.) A única indicação bibliográfica inserida no corpo do texto (entre parêntesis, indicando o nome de um autor e as páginas de uma obra não especificada) foi suprimida, por não ser claro qual a obra e a edição mencionadas.

2) «Nicolau de Cusa. Aspectos da sua modernidade»

Manuscrito de 31 páginas numeradas, sem data. Uma página manuscrita não numerada contém o sumário do texto, que corresponde, aproximadamente, aos subtítulos das suas diversas partes; uma outra página, igualmente não numerada, contém uma pequena bibliografia de Nicolau de Cusa, primária e secundária, que não reproduzimos. (Como indicador da data provável de redacção deste texto, refira-se que a obra mais recente aí indicada é de 1964.) Harmonizámos ainda todas as referências ao De Docta Ignorantia, dispersas ao longo do texto, seguindo o critério mais frequentemente utilizado pelo autor: a mera referência ao Livro e ao Capítulo. Por não sabermos de que edição se terá servido o autor, não indicámos qualquer paginação; a referência às páginas da edição crítica, da Academia das Ciências de Heidelberg, não seria, provavelmente, de grande utilidade para a maioria dos leitores.

3) «Lições sobre a Crítica da Razão Pura»

Manuscrito de 66 páginas numeradas e 1 página sem numeração, cujo conteúdo não se publica por não ter sido possível determinar a que parte do texto pertenceria, e por repetir ideias já avançadas noutros sítios. Constituiu o texto de base para o curso com o mesmo título leccionado na Universidade dos Açores, no ano lectivo 1987-1988. Embora o autor

intitulasse este texto «Dez lições...», suprimimos o «Dez» por não ser claro, nas várias subdivisões que o texto comporta, que partes corresponderiam a cada uma das aulas leccionadas.

4) «Kant e o idealismo alemão»

Manuscrito de 128 páginas numeradas, com o subtítulo «Seminário de Filosofia Contemporânea», leccionado na Universidade de Coimbra em data que não foi possível determinar, mas, com toda a probabilidade, no final dos anos 70, ou já no início dos anos 80, do século passado. Como indicador, refira-se que, na pequena bibliografia, em página não numerada, que acompanha o manuscrito, e que não publicámos, a obra mais recente data de 1971. Pelo seu menor grau de elaboração, não nos pareceram merecedoras de publicação as páginas sobre Fichte e Schelling (apenas 27 do total das 128).

Todas as referências a obras de Kant, ou sobre Kant, que, no manuscrito, se encontravam no corpo do texto, foram deslocadas para nota de rodapé, bem como outras indicações de carácter bibliográfico. Algumas transcrições de textos de Kant, embora devidamente assinaladas, não vinham acompanhadas da referência ao original, o que se acrescentou também em nota. Manteve-se sempre, como é óbvio, a versão apresentada pelo autor, que traduziu todos os textos a partir do original em alemão, mesmo naqueles poucos casos em que o confronto com o original pareceu, ao organizador da edição, não o justificar.

5) «A Filosofia em Portugal»

Texto dactilografado, de 15 páginas, sem data nem indicação da finalidade a que se destinava. Nas entrelinhas e no verso das folhas dactilografadas, o autor inseriu algumas correcções e acrescentos manuscritos. Publicam-se na íntegra (sem indicação do local de inserção) sempre que foi possível proceder a uma decifração da letra do autor.

Relativamente aos restantes estudos incluídos neste volume e objecto de publicação anterior, procedemos às alterações seguintes. Em «A ontologia concreta de Gabriel Marcel», «A intersubjectividade em Gabriel Marcel» e «Um metafísico portuense: Sampaio Bruno», deslocámos para nota de rodapé todas as referências que eram feitas no corpo do texto, com indicação das obras citadas por uma abreviatura seguida do número de página. (Respeitámos, contudo, as abreviaturas de que A. F. Morujão se serviu.) Eliminámos, por este motivo, a nota do autor à edição original dos mencionados estudos, em que explica o significado das abreviaturas, quer das obras de Marcel, quer das de alguns outros, e menciona as edições utilizadas. O leitor da presente edição encontrará, em nota de

rodapé, todos estes elementos. No estudo «Introdução à Crítica da Razão Pura», que, originalmente, servia da apresentação à tradução portuguesa desta obra de Kant, modificámos, nas notas de rodapé, as referências à Crítica da Razão Pura, que aí reenviavam para a edição portuguesa; como é habitual nos estudos kantianos, indicamos a paginação das 1.^a e 2.^a edições, sigladas A e B, respectivamente. Embora as traduções dos excertos de Kant, aí apresentados, nem sempre coincidam com as do texto de Kant na tradução do próprio A. F. Morujão e Maria Manuela dos Santos, não julgámos necessário proceder a uma uniformização das traduções, uma vez que as soluções adoptadas nos pareceram igualmente possíveis.

CARLOS MORUIÃO

ESTUDOS FILOSÓFICOS

I

QUE É A FILOSOFIA?

I

Se alguém perguntasse hoje, numa roda de não especialistas, pelo valor da filosofia, arriscava-se com grande probabilidade a ouvir em resposta: nenhum valor. Efectivamente, para o leigo, nada significa a filosofia na vida prática; não representa uma instância a que o homem, no decurso da existência, tenha que recorrer. Pois que será a filosofia senão uma disciplina feita de abstracções, utilizando uma terminologia ininteligível para o não iniciado e cujo objecto — se algum possui — só o iniciado o poderá entender? Compreende-se, explicará o nosso hipotético interlocutor, o significado das ciências; a medicina, a botânica, a física, a linguística, não podem ser objecto de desconfiança já que a dúvida não se insinua na esfera das realidades que estudam, já que a função prática que sobre a vida humana exercem está bem patente.

A totalidade do que há encontra-se dividida em regiões exploradas pelas várias ciências e, embora ao leigo seja quase impossível compreender e cultivar todos esses ramos de saber, e se muitas vezes o progresso das diferentes disciplinas científicas está à mercê do aparecimento de investigadores geniais, não é menos certo que os seus resultados se fazem sentir no âmbito da vida de todos os homens. É mediante as técnicas que as ciências se realizam, ou melhor, é mediante as técnicas que as ciências concorrem para o aumento da extensão do nosso poder sobre as coisas exteriores. O conhecimento, ainda o mais abstracto e aparentemente o mais afastado de qualquer realidade prática, não seria um fim em si mesmo, mas um instrumento de dominação: «saber para prever!», afirmava já no dealbar dos tempos modernos Francisco Bacon e

«prever para dominar!». Desde então esta frase não tem deixado de se revelar definitiva do progresso da ciência. E este progresso é possível porque qualquer resultado científico se pode separar do indivíduo e não desaparece, conseqüentemente, com ele: vai incorporar-se em outros, condiciona os seguintes; fixa-se na linguagem; inscreve-se em utensílios materiais; transforma-se em patrimônio colectivo. O progresso científico e técnico é assim progresso da humanidade.

Compreende-se, portanto, que as ciências — e as técnicas suas derivadas — influam poderosamente na existência do homem contemporâneo. Mas não apenas influam pelos seus resultados, mas ainda pelo seu espírito: saber para prever, prever para prover, e prover... para dominar! Mesmo à esfera das realidades profundamente humanas que sem grande dificuldade se poderiam designar por espirituais, se estende a onipotência da concepção científica: a psicologia científica e psicotécnica, a psicanálise e a sociologia, apresentam normas e processos a que se submeterá o homem, tendentes a promover a normalidade e o aperfeiçoamento individual ou específico.

Tudo se passa como se a multiplicação das ciências, com seus métodos rigorosos e resultados técnicos, não concedesse lugar a qualquer outra forma de saber que hoje em dia se pudesse qualificar de filosófico.

De certa maneira, a história parece justificar esta interpretação. É certo que a filosofia se adiantou ao saber estritamente científico, mas já nos primeiros metafísicos gregos é discernível uma preocupação rigorosamente científica e no alvorecer da historiografia grega, com Heródoto, se procura esclarecer o passado, recolhendo informes, agrupando-os e desenredando o novelo das tradições para estabelecer o certo e o verdadeiro. A matemática, beneficiando da propensão racional do espírito grego, constituiu-se como disciplina independente, especialmente sob a forma de geometria. A esfera total do saber vai criando diferenciações em seu interior, diferenciações essas correspondentes à constituição de ciências no sentido estrito, de âmbito bem delimitado e metodologia específica; portanto a margem deixada à especulação filosófica — assim o admitiria a maior parte dos homens que nada mais fazem que viver e pensar no objecto — vai-se estreitando progressivamente até de todo desaparecer.

Esta tese não ganhou presa só em observadores superficiais que vivem à margem de todas as questões profundas do espírito; grande número de cientistas, ou por ignorância ou desconfiança

ÍNDICE

Nota prévia, por CARLOS MORUIÃO	7
---------------------------------------	---

ESTUDOS FILOSÓFICOS (Vol. II)

I

Que é a Filosofia?	17
Itinerário da lógica clássica à lógica moderna	45
Pintura e filosofia	55
A filosofia e as ciências do homem	85
Perspectivas e horizontes da antropologia filosófica	101
Historicidade e filosofia	119

II

Um método de trabalho universitário: o regime de seminário	135
Perspectivas do ensino livre	143
A filosofia na formação do universitário	163
A Universidade e a cultura	177

III

Nicolau de Cusa. Aspectos da sua modernidade	193
Leibniz: das formas substanciais da filosofia tradicional à recuperação da noção de substância	205

Sobre a interpretação kantiana do belo e da arte	215
Sobre a noção de finalidade na <i>Crítica kantiana da Faculdade de Julgar</i>	237
Fenómeno, númeno, coisa em si. Notas sobre três conceitos kantianos	247
Introdução à <i>Crítica da Razão Pura</i>	271
Lições sobre a <i>Crítica da Razão Pura</i>	293
Kant e o idealismo alemão	317
Nota sobre a refutação kantiana do idealismo	361
O sentido da finalidade na filosofia de Kant	375

IV

Introdução a Maurice Blondel. A filosofia da acção	391
A dialéctica da acção em <i>L'Action</i> (1893) de Maurice Blondel.....	411
A ontologia concreta de Gabriel Marcel	423
A intersubjectividade em Gabriel Marcel	449
Em torno do existencialismo	465
Percurso e natureza da hermenêutica	487

V

A filosofia em Portugal	513
O itinerário filosófico de Sampaio Bruno	533
Um metafísico portuense: Sampaio Bruno	551
O sentido da filosofia em Leonardo Coimbra	567
Ciência e filosofia no pensamento de Leonardo Coimbra	589
A obra filosófica de A. Miranda Barbosa	607
O ponto de partida da filosofia no pensamento de Miranda Barbosa	617
O pensamento filosófico de Júlio Fragata.....	625
Meio século de filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra	645
<i>Proveniência dos textos</i>	657